

Deslexicalização no esquema imagético da deslocação: exemplo da construção "TOMAR e V" *

HANNA JAKUBOWICZ BATORÉO
(Universidade de Lisboa)

O estudo aqui apresentado insere-se na investigação relativa à expressão do Espaço no Português Europeu (Batoréo, 1996), focando os verbos de movimento do tipo *tomar, pegar, apanhar, etc.*, muito especificamente na construção sintáctica *TOMAR e V* em que o verbo de movimento pode aparecer deslexicalizado.

Propomo-nos discutir o fenómeno da deslexicalização enquadrado no âmbito de Língua Cognitiva, tal como evidenciado em algumas línguas naturais nas construções do tipo *TAKE and V* (Ekberg, 1993). Esta abordagem baseia-se no pressuposto de que a qualquer unidade linguística pode ser atribuído um Esquema Imagético (Johnson, 1987; Lakoff, 1987), cujas características são objecto de alteração na sequência da mudança do grau de prototipicidade da unidade em análise. As características espaciais do Esquema Imagético são abordadas em correlação com a agentividade e a aspectualidade.

O verbo de movimento *tomar* constitui um dos verbos frequentes no Português Europeu ($f=234$, segundo *Português Fundamental*), mas em relação aos seus equivalentes noutras línguas - como, por exemplo, o Inglês *take* - apresenta algumas características interessantes.

Ao verbo de movimento em análise - como, aliás, a outra expressão linguística qualquer - pode ser atribuído um Esquema Imagético¹, isto é, uma estrutura de natureza pré-conceptual e não-proposicional, profundamente enraizada na experiência humana, ou seja, na percepção, no movimento do corpo e na manipulação física dos objectos. O Esquema Imagético tem alguns pontos comuns com o modelo mental, mas difere dele pela sua estrutura esquemática.

* Esta comunicação é uma versão do Capítulo 4.5. em Batoréo (1996). A investigação aqui apresentada faz parte do Projecto PRAXIS XXI/BD/5260/95 financiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Agradeço a Augusto Soares Silva as observações feitas à versão preliminar deste texto.

Enquanto o modelo mental dispõe de uma riqueza de pormenores referentes a vários marcos da deslocação, o Esquema Imagético traduz a imagem contida no modelo para um esquema estruturado, comum a todas as instâncias da acção representada, numa sequência das mais prototípicas até às mais periféricas da prototipicidade. Trata-se, assim, não de uma representação semântica específica, nem de uma imagem estática, mas de um esquema dinâmico e flexível para a organização da nossa experiência e compreensão. No Esquema Imagético do verbo *tomar*, em Português, o Fundo corresponde à pessoa que, num acto de vontade, estende a mão para se apoderar da Figura, isto é, transferi-la para o domínio da sua posse. O evento é, conseqüentemente, volitivo e inceptivo, como em *tomar chá*, *tomar um comprimido*, etc. Quando a Figura é constituída por uma entidade abstracta, num caso menos prototípico, o significado de *tomar* é mais esquemático, isto é, menos rico semanticamente. Vejam-se, aqui, os exemplos de *tomar* = *apanhar* em *tomar uma injeção*, *tomar o comboio*, *tomar a auto-estrada* ou, então, *tomar uma decisão*, *tomar uma medida*, *tomar nota*, etc. Estes significados abstractos são derivados metaforicamente do emprego concreto do verbo *tomar*.

Dado tratar-se de um evento complexo, o Esquema Imagético, neste caso, pode ser representado - conforme propõe Ekberg (1993) - como abrangendo três componentes constituintes. Distinguem-se, assim, a Iniciação (a mão do Fundo estendida na direcção da Figura), Transferência (a deslocação da Figura até ao Fundo) e Posse (a inclusão da Figura no Fundo). As componentes deste Esquema Imagético estão todas presentes quando se trata do significado prototípico; em casos menos prototípicos - conforme se evidenciará mais adiante -, esta presença não está garantida na totalidade. O verbo *tomar*, no Português Europeu, caracteriza-se pela representação reduzida do significado prototípico, limitando-se praticamente a instâncias sinónimas de "ingerir alimento ou medicamento". Uma maioria significativa de usos de *tomar* abrange instâncias abstractas, onde se observa uma grande variedade no grau de abstracção apresentada, assim como no grau de fixidez formal existente (vejam-se, neste caso, as expressões "ser tomado de pânico" ou "tomar conta de alguém"). Repare-se, assim, nos exemplos "tomar banho = banhar-se, lavar-se", "tomar interesse = interessar-se", "tomar consciência = aperceber-se", "tomar uma decisão = decidir" ou "tomar uma medida drástica = adoptar, assumir uma medida drástica", em que o verbo sofre uma parcial deslexicalização, assumindo um papel instrumental de verbo-suporte. A conseqüente gramaticalização do verbo "tomar" nas construções citadas leva à ocorrência de uma mudança do significado proposicional para um mais expressivo, garantindo a coexistência de uma perspectiva objectiva (típica do significado proposicional) com a perspectiva subjectiva, fortemente Agentiva, resultante da identificação ocorrida entre a Figura (o Agente) e o Fundo (por exemplo, *a decisão assumida* ou *a medida adoptada*). Quanto ao Esquema Imagético do verbo *tomar* nos casos da gramaticalização parcial, observa-se uma certa diferenciação do papel desempenhado por cada uma das componentes. As componentes "das extremidades", ou seja, a primeira (Iniciação) e a última (Posse) têm presença claramente marcada, enquanto a componente do meio - Transferência - perde o seu carácter fortemente estrutural e estruturante.

Repare-se que o verbo *tomar*, em Português, não está marcado quanto ao Modo, como acontece com os seus equivalentes noutras línguas². Na necessidade de exprimir o conceito de "tomar' + Modo", o sistema da língua utiliza a estratégia específica de lexicalização que resulta na criação de outros verbos - marcados quanto ao Modo - tais como, por exemplo, *agarrar* ou *pegar*. Enquanto verbos plenos (lexicalizados), significam - na acepção prototípica - *prender, segurar*, ou seja, "tomar com força e/ou determinação, convicção", sendo antónimos de *largar*. Além de serem explícitos quanto ao Modo em que a acção é desempenhada, estão preferencialmente marcados como actos momentâneos, trazendo, também, uma maior marca de Agentividade. Podem ser interpretados, por conseguinte, como verbos de movimento, sem direcionalidade definida, cujo objectivo é exercer posse, de um modo determinado, em relação a um ponto de referência exterior:

- (1) (a) *Pegou* no garfo e espetou-o no bife.
- (b) Ainda não tive tempo de *pegar* nos livros.
- (c) *Agarrou* na pedra e atirou-a ao inimigo.
- (d) *Agarra* (n)os filhos e põe-nos em casa da avó.

Repare-se, no entanto, que além do emprego pleno estes verbos podem apresentar deslexicalização, transmitindo significado diferente do prototípico. Numa extensão metafórica, *pegar* pode sofrer uma deslexicalização parcial e marcação aspectual inceptiva (*pegar* = *começar*), tendo por antónimo *largar* (= *acabar*):

- (1) (e) *Pego* às oito e *largo* as quinze.

Para a discussão, comparem-se os exemplos análogos aos verbos *ir/vir* de frequência muito reduzida, ou, então, os casos inceptivos de *pôr-se*³ ou *meter-se* (no sentido de: *começar, principiar*), como em (7), muito frequentes⁴ e produtivos na língua falada:

- (2) (a) *pôs-se* a estudar, *puseram-se* a falar, *ponham-se* a andar, etc.
- (b) *meteu-se* a discutir com o professor,
meteram-se a falar na vida dos outros, etc.

O caso da deslexicalização dos verbos *pegar* e *agarrar* apresenta menor frequência, restrições formais e, até, algum grau de fixidez. Trata-se, aqui, de construções que, do ponto de vista sintáctico, podem ser caracterizadas pela estrutura: *N - V + e V* e que, em Português Europeu, surgem com os verbos⁵ *pegar* e *agarrar*, assim como, com *ir* e *vir*. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (3) (a) Como não apareceste até às onze horas, como tínhamos combinado, eu *peguei* e *fui embora*.
- (b) Como não apareceste até às onze horas, *agarrei* e *fui-me embora*.

Os exemplos em (3) diferem, basicamente, dos exemplos em (1) pela perda de lexicalização sofrida, não podendo ser substituídos por *segurar* ou *prender*. Também, aqui, - como no caso de *ir/vir* atrás discutido - o carácter fortemente

volitivo traz o reforço da Agentividade. O contexto em que a acção é desempenhada não implica, no entanto, o seu reforço; pelo contrário, trata-se de uma brusca tomada de decisão⁶ (manifestação volitiva) como reacção a uma prolongada situação de não-determinação (isto é, de não-conclusão do evento anterior) que leva à iniciação de uma pontual actividade conclusiva. O valor aspectual criado é, por conseguinte, inceptivo.

Assim, a Agentividade e a Aspectualidade⁷ fortes constituem marcas da gramaticalização dos verbos *pegar* e *agarrar* analisados em (3). Pelas características acima apresentadas estes verbos parecem constituir, no Português Europeu, as instanciações da construção *take and V*, proposta na linguística escandinava como pseudocoordenação⁸ de tipo "*ta och V*" (= "*take and V*"). A sua análise interlinguística foi efectuada por Ekberg (1993) - tendo raízes numa proposta de Coseriu (1966) - enquanto construção perifrástica, em que o primeiro verbo é *tomar* (*ta*, em Sueco e *take*, em Inglês), seguindo da conjunção *e* e de um verbo pleno *V*. Em 1966, Coseriu destaca, pela primeira vez, a ocorrência deste tipo de construções na linguagem coloquial da maioria das línguas europeias (cf. exemplos em (4)). Sendo frequentes nas línguas escandinavas, surgem com grau variado de frequência em algumas variantes do Inglês (por exemplo, no Inglês Irlandês (a), nas Línguas Românicas (Castelhano e Italiano: (b) e (c)), Eslavas (Polaco - d) e nas do grupo Ugro-Finlandês (Finlandês, Húngaro)⁹:

- | | | | |
|-----|-----|--------------------|---------------------|
| (4) | (a) | She took and went. | (Inglês da Irlanda) |
| | (b) | Cogió y se fue. | (Castelhano) |
| | (c) | Prese e parti. | (Italiano) |
| | (d) | Wziela i poszla. | (Polaco) |

A análise de Ekberg toma como ponto de partida o estudo de Coseriu, em que o autor, ao discutir várias propostas de análise existentes para as diferentes línguas, propõe que a construção *take and V* tem que ser vista como uma unidade com sentido global, sendo a acção representada pelo segundo verbo uniforme e indivisível. Coseriu considera que o verbo *take* desempenha um papel puramente instrumental de um auxiliar, na medida em que se encontra totalmente deslexicalizado¹⁰, trazendo uma marca aspectual perfectivizante à toda a unidade. Inserindo-se no enquadramento da Linguística Cognitiva, Ekberg (1993) defende, pelo contrário, que no caso da construção em análise não se trata de gramaticalização total. O carácter do *take* é léxico-gramatical, facto que influencia o significado de toda a perífrase que acaba por ser motivada lexicalmente quanto ao *aktionsart* e ao seu papel semântico. Os morfemas gramaticais contribuem semanticamente para as unidades mais largas em que ocorrem, fazendo com que as construções gramaticais sejam significativas.

Na sua proposta de análise do Esquema Imagético da construção *take and V*, Ekberg defende tratar-se de um emprego abstracto, em que não ocorre nenhuma transferência da Figura para o Fundo. Propõe, por conseguinte, que a única componente do Esquema Imagético considerado na análise do protótipo do *take* é, apenas, a primeira componente de Iniciação¹¹. Na sequência desta análise, - e ao contrário do sugerido anteriormente por Coseriu - o *aktionsart* da construção

take and V é caracterizado como complexo por abranger tanto a semântica de iniciação - volitiva e momentânea - como o carácter aspectual do verbo pleno¹².

Enquanto destaca o carácter volitivo e agentivo do Fundo, Ekberg lembra, também, que o Locutor, sendo familiar com o tipo de acção desempenhada, identifica-se com o próprio Fundo, adoptando uma perspectiva subjectiva, de Experienciador, coexistente com a perspectiva objectiva de Agente. Note-se que a simultaneidade das duas perspectivas orientadas tanto para o Agente como para o Experienciador foi notada, por exemplo, na análise que Wierzbicka (1982)¹³ propôs das expressões de tipo *have a V* (por exemplo, 'have a drink', *tomar um copo*), em Inglês, sendo também sugerida para as formas ditas reflexas em Francês por Desclés e Guentcheva (1993)¹⁴ e, por conseguinte, defendida para a construção *pôr-se a Vinf* no PE por Soares (1994)¹⁵. A coexistência das duas perspectivas aponta para a mudança do significado puramente proposicional para o significado expressivo que a Ekberg associa à gramaticalização parcial da construção *take and V*¹⁶.

Baseando-se numa análise interlinguística, a autora mostra que a construção *take and V* não é arbitrária, mas, pelo contrário, encontra-se linguística e conceptualmente motivada, na medida em que existe uma tendência natural para a criação de extensões metafóricas de certos termos que denotam, por exemplo, os esquemas de movimento humano (como o *tomar* no presente caso), dando origem a uma marcação aspectual específica e ao significado pragmático. Com base nas propostas de Lakoff & Turner (1989)¹⁷ assim como Lakoff (1990)¹⁸, Ekberg mostra que a construção perifrástica em análise - sendo positivamente marcada quanto à Agentividade e, por conseguinte, mais específica - permite abordar, metaforicamente, um evento geral como uma acção, na sequência da metáfora *Eventos são Acções*. De modo ainda mais específico, defende-se que a metáfora utilizada é do tipo *Acções são movimentos auto-propulsionados*, na medida em que o Agente do verbo pleno resulta da projecção (= "mapping") do Agente proveniente da Origem (verbo *take*) para o domínio do Alvo (construção *take and V*).

O quadro teórico proposto por Ekberg constitui um enquadramento fortemente explicativo para as construções de tipo *take and V*, cujo funcionamento foi verificado em muitas das línguas europeias. Neste ponto de discussão torna-se interessante observar em que medida ele funciona também para o equivalente da mesma construção no Português Europeu.

Verifique-se, primeiro, que o verbo que ocorre na construção portuguesa equivalente a *take and V* não é o seu equivalente português directo *tomar* mas as suas variantes, marcadas quanto ao Modo, *pegar* e *agarrar*, já que "**tomou* e *foi-se embora*" é agramatical. Parece ser mais correcto, por conseguinte, referir-se, então, à construção *take and V* como a *TOMAR e V*, em que *TOMAR* passa a ser considerado um hiperónimo (grafado com maiúsculas) que pode ser realizado por verbos específicos diferentes em línguas particulares diversas. Observe-se que não se trata, aqui, apenas de uma particularidade portuguesa: enquanto em Inglês, Sueco ou Polaco se trata de equivalentes directos do verbo *take*, o verbo Castelhana *coger* não pode ser considerado como tal, constituindo apenas uma

variante do verbo Castelhana *tomar*¹⁹. O que une todos os verbos da classe TOMAR é o Esquema Imagético que se encontra a eles subjacente.

Em segundo lugar, as expressões portuguesas com *pegar* e *agarrar* em TOMAR e V são pouco frequentes e apresentam fortes restrições tanto pragmáticas (aparecendo só em usos familiares ou populares)²⁰ como formais, conforme revelam os seguintes paradigmas:

- | | | | |
|-----|----|-----------------------------------|---------------------|
| (5) | a. | Peguei | e fui (-me) embora. |
| | b. | Peguei em mim | e fui (-me) embora. |
| | c. | Agarrei em mim | e fui (-me) embora. |
| | d. | Agarrei | e fui (-me) embora. |
| (6) | a. | Agarra (em ti) e vai(-te) embora. | |
| | b. | Pega (em ti) e vai(-te) embora. | |

As restrições observadas no Português Europeu contrastam claramente com o carácter frequente e produtivo de TOMAR e V em Sueco (conforme evidenciado²¹ em Ekberg, 1993) ou em Polaco, em casos como: *wziela i zasnela* (= tomou e adormeceu), *wziela i zapytala* (= tomou e perguntou), *wziela i poplynela* (= tomou e pôs-se a nadar), *wziela i napisala* (= tomou e escreveu), etc.

Os usos da construção TOMAR e V no Português Europeu parecem seleccionar, predominantemente²², o Aspecto Perfectivo (isto é, sobretudo, o emprego do Pretérito Perfeito, conforme se observa nos exemplos em (5), o que traduz a pontualidade da acção efectuada. Os empregos preferenciais da 1ª pessoa do singular traduzem, por sua vez, um carácter volitivo e agencial da construção referida.

A ocorrência de empregos pronominais locativos²³ - isto é, "agarrei em mim" e peguei em mim" (5b e c) - do verbo V (da construção TOMAR e V), assim como do -se expletivo (isto é, "ir-se embora" preferido a "ir embora") apontam para uma tendência do uso de reforço. O emprego da pronominalização nestes paradigmas parece implicar - ao contrário do que propõe Ekberg - a presença da componente da Transferência no Esquema Imagético subjacente às construções TOMAR e V. Nestes casos, o esquema em que o Fundo estende a mão para transferir a Figura para o domínio da sua posse apresenta uma particularidade de a Figura equivaler ao Fundo, que, por outro lado, equivale ao próprio Locutor. Isto significa que o Agente (Fundo) estende a mão na direcção de si próprio (Figura = Fundo), tomando posse do objecto da sua acção, ou seja de si próprio (outra vez: Figura = Fundo). Repare-se que, neste caso, o Esquema Imagético proposto para TOMAR (verbo pleno) mantém-se com todas as três componentes iniciais: Iniciação, Transferência, Posse, ao contrário da existência de uma única componente - a de Iniciação - que Ekberg propõe para estes casos.

A presença das três componentes aqui propostas - em alternativa à hipótese levantada por Ekberg - não implica, no entanto, um funcionamento geral do Esquema Imagético igual ao que se verifica no caso do verbo totalmente lexicalizado. As três componentes não aparecem, neste caso, em sequência mas em simultâneo: se a Figura equivale ao Fundo, a Transferência e a Posse são efectua-

das “para dentro” da primeira etapa, originando uma sobreposição das três componentes inicialmente propostas. Em resultado disto, surge, de facto, uma única componente (como defende Ekberg), mas (e ao contrário do que postula esta autora) por sobreposição dos elementos *em presença* e não *por ausência*, isto é, por eliminação das duas últimas.

Repare-se, igualmente, que os exemplos portugueses traduzem particularmente bem a ideia de *auto-propulsão* na metáfora acima referida de *Acções são eventos auto-propulsionados*. A conjugação pronominal de carácter locativo - “em mim” - que observamos nos casos de (5b) “Peguei *em mim* e fui-me embora” e (5c) “Agarrei *em mim* e fui-me embora” traduz o carácter fortemente agentivo e globalmente pontual dirigido para o próprio que se *auto-propulsiona*.

Propusemo-nos, aqui, apresentar algumas características da expressão da Deslocação e do seu Esquema Imagético, no Português Europeu. Tendo por base os pressupostos básicos da Linguística Cognitiva, destacámos (a) os diferentes graus de prototipicidade em função dos fenómenos de deslexicalização e gramaticalização, (b) a importância da análise global (objectiva e subjectiva), que reflecte não apenas o carácter proposicional dos referentes mas também o conhecimento do mundo partilhado pelos intervenientes na interacção verbal e a afectividade - com elevado grau de identificação e/ou interesse, por um lado, ou indeterminação e/ou incerteza, por outro -, assim como (c) a perspectivação alternativa que pode implicar uma partilha do Espaço e/ou a sua divisão no espaço físico e espaço emocional, em correlação com a Agentividade e a Aspectualidade. Discutimos, também, o Esquema Imagético subjacente aos verbos de movimento e as alterações que nele podem ocorrer na sequência da mudança do grau de prototipicidade.

A discussão aqui apresentada parece proporcionar um tipo de análise altamente produtivo em Português, apesar de referir, aparentemente, empregos de certo modo restritos. Veja-se, por exemplo, o caso de expressões coloquiais de tipo “*meti-me num táxi*” ou “*meti-me em apuros*”, em que é patente a metáfora de *auto-propulsão*, com “-se” inerente como marcador do Acusativo, assim como um Esquema Imagético de construção análoga ao proposto no caso do verbo TOMAR. Parece, assim, aberto um caminho particularmente produtivo de investigação da expressão do Espaço.

NOTAS

¹ Tal como proposto por Johnson, 1987, 29; cf. Ekberg, 1993, 7.

² Ver exemplos citados em Ekberg, 1993.

³ Veja-se a análise de construções *pôr-se a Vinf* contrastadas com *começar a Vinf* em Soares (1994), “*Pôr-se a Vinf* constrói o interior homogeneizado do domínio P. Predica a existência de um processo não esperado pelo enunciador e por ele modalizado como menos positivo. O sujeito do enunciado é todavia agente da relação predicativa. A impossibilidade de antecipação do processo e a distância do enunciador em relação à actualidade caracterizam *pôr-se a Vinf* como uma construção

- aorística. Parece pois ser um marcador de uma noção gramatical por contraste com *Começar a Vinf* que para além de marcador de uma noção de aspecto é uma lexicalização de uma noção predicativa" (Soares, 1994, 567). Cf. Peeters (1993).
- ⁴ Segundo o *Português Fundamental* (1987), a frequência de *pôr* é de 867 e de *meter* - 329, o que coloca o primeiro no grupo de vocábulos de alta frequência e o segundo, no grupo de frequência média.
- ⁵ A única referência dicionarizada que encontramos acerca destes usos consta do *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses* (Busse, 1994), de que constam os exemplos aqui citados: - 1994, 27, 330.
- ⁶ Veja-se, a propósito, a expressão *chegou e disse, pegou no chapéu e foi-se*, que apresenta o mesmo tipo de características.
- ⁷ Por tratar-se de realização aspectual ao nível lexical deveria, mais especificamente, falar-se de Aktionsart.
- ⁸ "The term "pseudocoordination" (see Telemen 1974) is often used for a specific type of complex predicates in the mainland Scandinavian Languages, viz. a formal coordination of two main verbs which however together constitute a single verbal unit. See further, e.g., Josefsson (1991), and Telemen et al. (in prep.) for descriptions of these constructions. Take and V, and other types of pseudocoordinations, have certain properties in common with, e.g., the German and Dutch V + Infinitive constructions; cf. *ich gehe schlafen* 'I go to-sleep (see Leys 1983, Kuhn 1990)." (Ekberg, 1993, nota 2, p. 20 do texto). [Obs. Tanto nesta nota como em todas as notas seguintes referentes ao texto de Ekberg (1993), indicamos as páginas do texto como sendo de 1 a 24, por a cópia do texto de que dispomos não ter indicada a paginação original]. Cf. Josefsson, G. (1991). "Pseudocoordination - A VP + VP Coordination.", *Working papers in Scandinavian Syntax*, 47, 130-156.
- ⁹ Os exemplos são todos citados por Ekberg, 1993, 1 (ex. 1).
- ¹⁰ "According to Coseriu, it is beyond dispute that the paratactical *take and V*-construction constitutes a single unit, and that this unit is grammatical in its character (i.e. it is a grammatical, not a lexical periphrasis). In this periphrasis the verb *take* is an auxiliary: it has no predicative function of his own, it cannot take an object, it does not keep its lexical meaning, and it merely functions as a grammatical instrument in relation to the second verb. Not surprisingly, Coseriu states that the grammatical function of *take* has nothing to do - at least not synchronically - with the lexical meaning of *take*." (Ekberg, 1993, 5)
- ¹¹ "*Take* does not focus on the entire image-schematic structure in the *take and V*-construction; it is obvious that there is no explicit sense of transfer or possession in this use. However, the properties of the first subcomponent, Initiation, are explicitly kept in the *take and V*-construction. (...) There seem to be at least two properties that generally characterize the *take and V*-construction in relation to equivalent nonperiphrastic predicates, namely (a) the marking of the initiation of the event expressed by VP2, and (b) the marking of the volitionality of this event. Thus, the properties which distinguish the *take and V*-construction from an equivalent nonperiphrastic equivalent seem to be directly inferred from the first image-schematic subcomponent of *take*, the concept of Initiation." (Ekberg, 1993, 8).
- ¹² "The aktionsart of *take and V* can be characterized as complex since both the initiation and the aktionsart of VP2 are semantically relevant. It thus seems that *take* simply adds the initiation-component to the event expressed by VP2" (Ekberg, 1993, 11).
- ¹³ Wierzbicka, 1982, 758.
- ¹⁴ J.-P. Desclés e Z. Guentcheva (1993). "Le Passif dans le système des voix du français", *Langages*, 109, 73-102.
- ¹⁵ Soares, 1994, 558.
- ¹⁶ "The process of grammaticalization frequently triggers a shift from a (purely) propositional meaning to an expressive meaning. In other words, the linguistic item in question turns from describing a (more) 'objective' external situation to describing a (more) 'subjective' internal situation, thus reflecting evaluative or cognitive aspects of this situation. (...) The use of *take and V* signals that the speaker has established 'mental contact' with the trajector - or that the speaker has taken the view of the trajector - and thus is able to assert that the trajector is performing the action volitionally; whereas there is no such 'mental contact' in the use of the corresponding nonperiphrastic constructions" (Ekberg, 1993, 18).
- ¹⁷ Lakoff, G. & M. Turner (1989). *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago, University of Chicago Press.

- ¹⁸ Lakoff, G. (1990). "The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schemas?", *Cognitive Linguistics* 1, 39-74.
- ¹⁹ Ekberg (1993) não dá conta desta especificidade do Castelhana.
- ²⁰ Os falantes nativos do Português Europeu a quem foi solicitado o juízo linguístico acerca do emprego destas construções mostraram graus variáveis da sua aceitação. Todos se mostraram praticamente unânimes quanto à aceitabilidade do emprego pronominalizado de ambos os verbos (5b e 5c) e a dificuldade na aceitação do verbo *agarrar* no uso não-pronominalizado (5d); o verbo *pegar* (sem pronominalização) (5a) foi aceite apenas por uma parte dos inquiridos.
- ²¹ Vejam-se os seguintes exemplos citados por Ekberg: "(3a) Hon tog och läste en bok (she took and read a book), (3b) Hon tog och flyttade sig (she took and moved herself), (3c) Hon tog och simmade (she took and swam)." (Ekberg, 1993, 8).
- ²² O que não significa, evidentemente, que outros empregos sejam automaticamente excluídos, como, por exemplo a possibilidade da ocorrência do Aspecto Iterativo na seguinte construção: "Às vezes *pega em si* e vai embora" (recolhida da legendagem um filme apresentado na RTP).
- ²³ Preferenciais para muitos dos falantes por nós testados.

BIBLIOGRAFIA

- BATORÉO, H. J. (1996), *Contribuição para caracterização da Interface Expressão Linguística-Cognição Espacial no Português Europeu. Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas Provocadas*, Dissertação de Doutoramento, FLUL, Lisboa, 1996)
- BUSSE, W. (coord.) (1994), *Dicionário Sintático de Verbos Portugueses*, Almedina, Coimbra, 1994.
- COSERIU, E. (1966), "'Tomo e me voy'. Ein problem vergleichender europäischer Syntax, *Vox Romanica*, 25, 13-55.
- EKBERG, L. (1993), "The Cognitive Basis of the Meaning and Function of Cross-Linguistic *Take and V*", NUYTS, J. & PADERSON, E. (eds.) (1993). *Perspectives on Language and Conceptualization*, Editions de l'Université de Bruxelles.
- JOHNSON, M. (1987), *The Body in the Mind: the Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. (1987), *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. The University of Chicago Press: Chicago and London.
- PEETERS, B. (1993). "Commencer et se Mettre à: une Description Axiologico-Conceptuelle", B. Peeters (ed.) (1993). *Langue Française. Les Primitifs Sémantiques*, 98, 24-47.
- SOARES, N. V. (1994), "Começar a Vinf e Pôr-se a Vinf: Marcadores de que Fronteiras?", In *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Évora, 1994, 557-568.